

Pensamento Confundente e Neutro em Tomás de Aquino

Jean Lauand
Prof. Titular FEUSP
jeanlaua@usp.br

1. Pensamento Confundente

Inicialmente, quero agradecer às organizadoras do *V Ciclo de Estudos Antigos e Medievais do Paraná e Santa Catarina* e da *V Jornada de Estudos Antigos e Medievais*, professoras Terezinha Oliveira e Angelita Marques Visalli pelo tão honroso convite para proferir esta conferência.

“Minha pátria é a língua...”, já dizia o Pessoa. Ao analisar cultura e mentalidade de um povo, a língua é um fator importante, na medida em que condiciona o pensamento, a possibilidade de acesso à realidade.

Uma dessas formas de acesso ao real é o pensamento confundente, que - numa primeira aproximação - concentra numa única palavra realidades distintas, mas conexas. Se distinguir, dar nomes diferentes para realidades diferentes, é uma importante função da língua; “confundir” é - como já faziam notar Ortega y Gasset e Julián Marías - igualmente importante, pois:

“Não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas, em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são muito diferentes”¹.

¹ MARIÁS, J. “Entrevista a JL, 26-5-99” <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm>. *Videtur* No.8, 1999, DLO-FFLCH-USP. Um belo exemplo é dado pelo próprio Marías: “Muitas vezes me tenho referido à vaguíssima e estupenda palavra de nossa língua ‘bicho’ - palavra exasperante para um zoólogo, creio que estão classificadas umas oitenta mil espécies de coleópteros -, que permite designar inúmeras espécies animais, prescindindo de suas diferenças. Se estou lendo ou escrevendo e entra um inseto pela janela - como no poema de Dámaso Alonso -, não poderia tomar facilmente uma decisão de conduta, se tivesse que comportar-me com ele de acordo com sua espécie. Mas, o que quero é unicamente tirá-lo daqui, e tenho que tratá-lo como ‘bicho’ sem estabelecer outros questionamentos” (MARIÁS, J. *La felicidad humana*, Madrid, Alianza Editorial, 1988, pp.16-17.)

Em maior ou menor grau, variando de acordo com o setor da realidade a que se aplicam, todas as línguas são “distinguentes” e todas as línguas são confundentes. *Grosso modo*, se as línguas ocidentais parecem tender mais para a distinção, as línguas dos Orientes - consideraremos o caso da língua árabe -, parecem convidar ao pensamento confundente.

Tome-se, por exemplo, a palavra árabe *Salam* (ou sua equivalente hebraica: *Shalom*), usualmente traduzidas por *paz*. Ou melhor, se quisermos ser fiéis à semântica semítica, consideremos não a palavra, mas o radical tri-consonantal (que é a alma da língua semita: o radical determina essencialmente o campo de significado; as vogais só fazem a determinação periférica de sentido) S-L-M, ou em hebraico Sh-L-M.

Paz é somente um dos múltiplos significados confundidos em S-L-M.

S-L-M significa igualmente, por exemplo, unidade, integridade física ou moral: quando eu quebro este giz, sofro um ferimento, estabeleço uma separação ou produzo uma peça com defeito estou rompendo a S-L-M. Daí que o nome **SaLyM**, tão freqüente entre os árabes, signifique “o íntegro”, o que não se corrompe... Naturalmente, ninguém no Ocidente diria de um giz quebrado que ele perdeu sua “paz”, associação evidente e conatural para o semita. É por isso que, fora do contexto confundente semita, é extremamente enigmática a formulação do apóstolo Paulo, que, escrevendo em grego (mas pensando com sua cabeça semita) diz que “Cristo é nossa paz...” (*Autos gar estin he eirene hemon...* Ef. 2, 14), fórmula que os cristãos ocidentais repetem devotamente, mas sem compreender seu significado. E quando examinamos a razão pela qual o apóstolo afirma que Cristo é “nossa paz”, aí a perplexidade do Ocidente torna-se total: “Cristo é nossa paz porque Ele quebrou o muro... (!?) e de dois fez um”. O que, para um semita, é totalmente natural.

Confundindo os conceitos de paz, saúde (física ou espiritual) etc. é natural que a saudação mais comum no mundo árabe (para encontro ou despedida) seja também precisamente: *Salam!* S-L-M indica também aceitação (de boa ou má vontade), daí que a atitude religiosa de acolhimento da vontade de Deus seja *iSLaM*.

A mesma palavra S-L-M significa, ainda, integridade territorial. Assim, de Salomão (**SaLuMun** ou **SuLaiMan**), Deus diz a seu pai Davi (um homem de guerras), em atenção ao nome de Salomão: "Este teu filho será um homem de *shalom*, pois Salomão é o seu nome" (1 Crn 22,9). E Deus, apesar da infidelidade do rei, mantém a "integridade", a "totalidade" do reino de **Salumun** e diz: "Não tirarei da mão de Salumun parte alguma do reino..." (I Reis 11,34).

Em outras palavras, tanto para o árabe quanto para o judeu, a integridade territorial e a paz são pensadas confundentemente como uma única realidade: se faltar um milímetro quadrado do que se considera ser seu território, não há paz. Por contraste,

imaginemos que o Rio Grande do Sul pretenda separar-se do Brasil e constituir uma “República Farroupilha”. E que tal proposição seja referendada amplamente por um plebiscito, no qual os demais estados da União concordassem, de boa vontade, com essa separação. Nesse caso, nenhum de nós diria que houve uma quebra de paz (pelo contrário, promover-se-iam até churrascos “binacionais” de confraternização...). Já para um árabe ou um israelense, para quem **paz** contém, “confunde”, muito mais do que “não-guerra”, é inconcebível uma subtração de território que não fosse quebra de “paz”. É o que diz numa entrevista um árabe que passou muitos anos no Brasil antes de retornar para o Líbano: “Paz - Ouvindo o jorro de esperança, o comerciante ‘batricio’ Abdul Razak Masjzoub interrompe, nervoso:

‘Tem obstáculo muito grande para a paz. (...) Paz que estão fazendo não justa: cadê Jerusalém? Cadê o sul do Líbano? Para dar certo, o paz tem que ser geral. Devolver tudo ocupado. Isto se chama paz.’”²

Características da língua, não alheias a sangrentos conflitos...

No exemplo acima, ou quando a língua chinesa confunde diversos significados em torno da palavra *Tao*³, não se trata, evidentemente, de mera equivocidade (como no caso de nossa palavra “manga” – a fruta e a parte da vestimenta que recobre o braço), mas de que a própria visão de mundo, o próprio pensamento está marcado pelo confundente: governo, sabedoria e virtude (*Tao*) devem ser indissociáveis.

O português também tem suas confundências. Sobretudo, o português do Brasil, com nossa propensão ao genérico, à indeterminação, ao neutro. No outro dia, dirigindo-me a um colega, vizinho de prédio, a quem freqüentemente dou carona, perguntei: “E aí, você vai para a USP amanhã?”. Sua resposta foi: “Devo ir”. O leitor (e mesmo o interlocutor) não tem a menor possibilidade de saber o que significa esse “devo”, entre nós, muito confundente. Como traduzi-lo, por exemplo, para o inglês (*should, have to, supposed to, must, ought...*)? Pois, esse “devo” pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir (“eu devo ir, senão a USP desmorona”) até a mais descomprometida e frágil intenção (“eu não falei que iria, eu falei ‘devo ir’, e aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”).

O pensar confundente está na base das piadinhas ordinárias de duplo sentido (explorando, por exemplo, o caráter confundente do verbo “dar”) e de inúmeras peças publicitárias (como, por exemplo, “Globo e você – tudo a ver”).

² *O Estado de S. Paulo* 20-10-93, A 11.

³ Em sua tese sobre Confúcio, “Antropologia Filosófica e Fundamentos de Educação nos Analectos de Confúcio” (Feusp., 1999), a Profa. Ho Yeh Chia mostra como essa palavra confunde, nos *Analectos*, ao menos oito significados distintos para o Ocidente.

2. O neutro, a Trindade e Tomás

No quadro geral do confundente, destaquemos o neutro, importante para a compreensão não só de tantos aspectos da teologia medieval, mas também da própria mentalidade brasileira. Neste tópico, indicaremos brevemente um aspecto essencial desse recurso do latim, em diálogo com o português do Brasil, que, por sua cultura e mentalidade, embora não conte com o instrumento gramatical próprio, propende fortemente ao neutro. O provérbio é: “pão, pão; queijo, queijo!”, mas não para o brasileiro (e menos ainda para o mineiro...); para nós, não é nenhum dos dois: nem pão nem queijo; em todo caso: pão de queijo! *Utrum* é precisamente a forma latina que exige a definição de um de dois; daí que *ne-utrum* seja: nenhum dos dois, *neutrum*!

As línguas que dispõem do neutro (como o latim ou o espanhol) contam com uma ampliação de horizontes de pensamento, sem o qual tornam-se inacessíveis diretamente algumas regiões do real. E como se trata praticamente de uma necessidade, acabamos por improvisar recursos de linguagem para recuperar as possibilidades de pensar proporcionadas pelo neutro, um dos grandes excluídos de nossa gramática. Assim, embora o português não possua o neutro, o gênio brasileiro atinge, como veremos, o espírito do neutro, sobretudo na criativíssima gíria produzida nestes trópicos.

Engana-se quem, com o Aurélio, pensa que o neutro seja principalmente um modo de designar o que não é macho ou fêmea:

“Neutro - gênero das palavras ou nomes que, em certas línguas, designam os seres concebidos como não animados, em oposição aos animados, masculinos ou femininos”.

Na verdade, o neutro puxa para a abstração, para a totalidade, para a indeterminação mais do que para “seres concebidos como não animados” e nem tampouco é uma “terceira opção” para aqueles que não decidiram ainda se são masculinos ou femininos... Masculino e feminino só se opõem ao neutro enquanto determinação; não enquanto a “gênero” ou sexo. Tomás de Aquino - cujo pensamento filosófico e teológico explora muito as ricas possibilidades do neutro - no-lo explica:

“O gênero neutro é informe e indistinto; enquanto o masculino (e o feminino) é formado e distinto. E, assim, o neutro permite adequadamente significar a essência comum, enquanto o masculino e o feminino apontam para um sujeito determinado dentro da natureza comum” (I, 31, 2 ad 4).

Um exemplo de neutro dá-se quando dizemos a quem vem correndo para entrar no elevador: “- Desculpe, não há mais lugar, já somos **sete**” (não interessam aqui as determinações desse “sete”: não só as concretizações de sexo, homens/mulheres, mas também outras determinações concretas como: negros/brancos, alunos/professores, palmeirenses/corintianos, etc.; trata-se do neutro “sete”).

Claro que só com enunciar isto (isto: o neutro como um plano superior no qual se desconsideram as diferenças), já se pode intuir imediatamente a imensa importância que o neutro terá para a metafísica de Tomás.

O que acontece quando suprimimos as diferenças? Englobamos basset, labrador e poodle no genérico cachorro, que engloba todas as raças e não se identifica com uma determinada. E se ascendemos para um plano ainda mais genérico, cachorro, gato, búfalo, camelo etc. remetem ao “neutro” mamífero; que, por sua vez, remete a “animal” – no qual desconsideramos as diferenças entre mamíferos e répteis; e de animal saltamos para vivente etc. até o mais indeterminado “neutro”, coração da metafísica: Ser (naturalmente, cabe recordar aqui que - como veremos adiante - o ser não é um depósito informe e passivo, “esperando” para ser atualizado; é o próprio ato do ente. Lembremos também que, para Tomás, o ente não é gênero e se predica analogicamente).

Não é por acaso que nossos autores mais metafísicos, João Guimarães Rosa e Clarice Lispector, tenham sua chave de interpretação mais profunda precisamente na confundência do neutro. O neutro é o grande tema (e em alguns casos até mesmo o personagem) dessa grande literatura brasileira. Neutro é a terceira margem, “perto e longe”, “nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte”. Neutro é o grande sertão: “o sertão é sem lugar”, “o sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena”, “o sertão é de noite”, “o sertão é uma espera enorme”, “aceita todos os nomes”, “sertão é o sozinho”, “Sertão: é dentro da gente”.

Neutro dos neutros é a busca, como suprema categoria e paixão metafísica, de Clarice *Introspector*. É o tema clariciano por excelência e mesmo o personagem de *A Paixão segundo G. H.*:

“Para o sal eu sempre estivera pronta, o sal era a transcendência que eu usava para sentir um gosto, e poder fugir do que eu chamava de ‘nada’. Para o sal eu estava pronta, para o sal eu toda me havia construído. Mas o que minha boca não saberia entender - era o insosso. O que eu toda não conhecia - era o neutro”. (Rio de Janeiro, Rocco, 1998, p. 85)

Uma busca assombrosa, que termina com a mística perda da linguagem:

“Estou tentando te dizer de como cheguei ao neutro e ao inexpressivo de mim (...) O neutro. Estou falando do elemento vital que liga as coisas.”

“Como poderei dizer senão timidamente assim: **a vida se me é**. A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro.” (*ibidem* p. 100)

O neutro - pela *via negativa*: a *theologia negativa* que Tomás aprende do Pseudo-Dionísio Areopagita - nos conduz a Deus. A Deus como aquele que não é. Aquele que não é esta ou aquela determinação; porque por outro lado, Ele é Aquele que é; é, sem mais; é e ponto. Pela eminente positividade de ser, não se trata portanto de um Deus invertebrado, como no filme argentino *O filho da noiva*. Nesse filme, ante as burocráticas exigências canônicas do pároco, o protagonista - interpretado por Ricardo Darín - queixa-se ao sacerdote para que resolva o problema do casamento de seu pai, “que já é velho como Deus”. O padre lhe responde: “Não meu filho, Deus não é velho nem jovem; homem nem mulher; branco nem preto”. Ao que o filho da noiva responde: “Mas padre, esse é o Michael Jackson, não Deus!!”

Embora pareça à primeira vista surpreendente, o neutro é utilizado também para celebrar a amada. Na verdade, o elogio neutro é mais profundo: atinge a própria essência da pessoa, com seu encanto indefinível, em seu mistério inefável, transcendendo as vistosas formosuras da superfície (ele não elogia a concreta unha pintada do pé da amada, mas o neutro).

Como na canção *Você* de Tim Maia:

Você é algo assim..., é tudo pra mim...

O enamorado vale-se do neutro porque:

Você é mais do que sei, é mais que pensei, é mais que eu esperava, baby...

Ou em *Something* de George Harrison:

Something in the way she moves, / attracts me like no other lover. (...)

Somewhere in her smile she knows, / that I don't need no other lover.

(...)/ Something in her style that shows me

E é que a atração profunda, o verdadeiro encanto, situa-se numa região indefinível (*something*), que transcende as qualidades visíveis, alojando-se no neutro (*way, style*), no âmbito da manifestação da neutra coisa (como no *Das Ding* de

Heidegger, que fala da “coisa” como neutra reunião...): *something in the things she shows me*; o neutro *moves* (em lugar do concreto *walks*, evocando a neutralidade do “movimento” aristotélico, passagem de *dýnamis* para *enérgeia*...). E o enigmático sorriso neutro, literalmente u-tópico, *somewhere (!) in her smile*... Em algum lugar daquele sorriso... Como nos intrigantes e neutros sorrisos da *Virgen Blanca* de Toledo, da Mona Lisa ou do *Ange au Sourire* de Reims.

É essa força do neutro que é explorada pelas campanhas de publicidade como a do Mc Donald's: *I'm lovin it (Ich liebe es; amo muito tudo isso etc.)*; ou a da Nike: *Just do it; etc.*

A indeterminação do neutro permite à Teologia expressar delicadas teses trinitárias. Assim, diz Tomás:

“Já que em Deus a distinção é segundo as pessoas e não segundo a essência, dizemos que o Pai é *alius* [outro, masculino] em relação ao Filho, mas não que é *aliud* [outro, no sentido de outra coisa, neutro]; e que Pai e Filho são *unum* [um, neutro, no sentido de *lo mismo*] mas não *unus* [masculino, no sentido de *el mismo*]” (I, 31, 2 ad 4)⁴.

Também é o neutro - que aponta para a totalidade e não interessam as determinações - que encontramos na sentença de Terêncio: “*Homo sum et nihil humani alienum me puto*”, sou homem e nada *do humano* (“daquilo que é humano”) considero alheio a mim. Evidentemente, nossa substantivação (“o humano”, “o social” do famoso slogan “tudo pelo social” etc.) é uma aproximação do extinto neutro.

Tomás discute também o papel do neutro na substantivação. No começo do *Comentário às Sentenças*, ao discutir a unidade de essência e a distinção de pessoas em Deus, surge a questão: se o Filho é outro que o Pai. E a objeção: dada a unidade da substância, não se pode dizer que o Filho seja outro [*aliud*, neutro] que o Pai; e como o modo neutro ou masculino de significar não altera o significado, então não se poderia dizer que o Filho seja outro [*alius*, masculino] que o Pai.

A refutação de Tomás a essa objeção vai mostrar que o emprego do neutro muda completamente o significado em relação ao masculino. Mas, para bem compreender este ponto é necessário ir ao começo do *corpus*, onde Tomás explica porque a essência tem caráter neutro. Note-se que já a primeira linha mostra o uso do neutro e a falta que ele faz em português: “*In divinis invenimus tria...*”, Nos (assuntos) divinos encontramos três (aspectos), a saber: essência, pessoa e propriedade, que

⁴ Quando não se respeitam essas sutilezas, surgem confusões ou rixas causadas por equívoco, o que é, literalmente, um *quiproquó*, *qui-pro-quod*, é tomar o *qui* (masculino) em lugar (*pro*) do *quod* (neutro): o Pai é *lo mismo* (quod) que o Filho, mas não *el mismo* (*qui*).

correspondem a três gêneros. E a essência corresponde ao neutro pois a essência é comum e indistinta. E, pouco depois, na resposta àquela objeção, Tomás fala da substantivação e de como são totalmente diferentes o neutro e o masculino:

“É o gênero neutro que é substantivado e não o masculino. O substantivo tem sua significação absoluta, enquanto a significação do adjetivo é sobre o sujeito. Quando, porém, empregamos um termo de modo absoluto ele é tomado de acordo com o que ele é pura e simplesmente, como é o caso de ‘ente’, que tomado em sentido absoluto, significa ‘substância’. E sendo a *aliedade* da essência a pura e simples *aliedade*, é o neutro substantivado que comporta a *aliedade* da essência, enquanto o masculino - que suporta o adjetivo – situa a *aliedade* em seu sujeito. Daí que, se um termo pessoal é seu substantivo, ele designa a distinção das pessoas e é verdade dizer: o Pai é outro que o Filho. Mas se o termo for essencial e designar diversidade de substância, então é falso dizer: o Pai é outro Deus que o Filho (...) A *aliedade* significada em masculino e neutro não se referem à mesma coisa ” (In I Sent. d. 9, q. 1, a. 1 ad 2)⁵.

E haverá também sutis distinções quanto ao neutro e a substantivação, quando se afirma que o Pai e o Filho são um (In I Sent. d. 24, q. 1, a. 4; d 31, q. 1); etc.

Do ponto de vista da psicologia da comunicação, o neutro, indeterminado, convoca o interlocutor a preencher a (evidente ou não) lacuna por ele deixada. É precisamente essa indeterminação que constitui uma das marcas registradas do brasileiro.

Uma indeterminação que rege diversos setores da existência, como por exemplo: o tempo. Para indicar que uma ação é maximamente imediata, o brasileiro diz o vago: “na hora⁶” (pastéis fritos na hora; consertam-se sapatos na hora etc.); já em Portugal a faixa de indeterminação é bem mais estreita; é “ao minuto” (e nos EUA “*at the moment*”!). O caso extremo é o da Bahia, onde a (inútil) insistência do estrangeiro em marcar hora, em perguntar por prazos, chega a ser quase ofensiva e é fulminada pelos indeterminadíssimos: “depois do almoço”, “um minutinho” etc. Quantas brigas de

⁵ Neutrum genus substantivatur, et non masculinum. Substantivum autem significationem suam habet absolutam; sed adjectivum ponit significationem suam circa subjectum. Quando autem aliquid dicitur absolute, intelligitur de eo quod simpliciter est, sicut ens, absolute dictum, significat substantiam; et ideo quia alietas essentiae est simpliciter alietas, ideo neutrum genus substantivatum importat alietatem essentiae. Sed genus masculinum, quia adjective tenetur, ponit alietatem circa suum subjectum. Unde si terminus personalis est suum substantivum, designat distinctionem personarum. et ideo haec est vera: Pater est alius a Filio. Si autem sit terminus essentialis, designat diversitatem substantiae unde haec est falsa: Pater est alius Deus a Filio. (...) alietas significata in masculino et neutro, non ad idem refertur.

⁶ Daí que, na gíria, “da hora” signifique bom, excelente...

casais, por exemplo, têm sua raiz última nas diferentes preferências de determinação dos cônjuges: a resposta de um deles ao celular: “calma, estou quase chegando!”, bem que poderia - queixa-se o outro - ser substituída por algo mais determinado, como “já estou na esquina da padaria” ou “no máximo em três minutos de relógio eu chego aí” etc.

Indeterminação do espaço, por formas carregadas de subjetividades: “é pertinho”, é “logo ali” etc.

Seja como for, a indeterminação na linguagem, afinal, suaviza (neutraliza) as formas de convivência. Une-se o gosto pelo indefinido, pelo genérico, com o oportunismo de fazer “média”, ficar em cima do muro: ninguém sabe o dia de amanhã, vai que num segundo turno se venha a necessitar de um apoio do partido inimigo... Além do mais, é sempre perigoso expressar-se concreta e claramente. Se a brasileira indeterminação do tempo realiza-se em grau máximo no baiano; a das formas, realiza-se no mineiro. Como se sabe, mineiro não é contra nem a favor; muito pelo contrário. Come quieto... e pela borda. Não dá bandeira⁷.

As instituições. O neutro, a neutralidade do neutro, faz parte de nossa cultura, está arraigadíssima no Brasil: o que, em outros países dá-se como afirmação (ou negação) veemente, aqui perde os contornos nítidos, adquire forma genérica! Se não reparamos nesse fato é porque ele nos é tão evidente que chega a ser conatural e atinge até nossas instituições. Pensemos, por exemplo, nessa - incrível, para os estrangeiros! - instituição tupiniquim: o ponto facultativo. Como dizia o saudoso Stanislaw Ponte Preta: “vai explicar pro inglês o que é um ponto facultativo?” - É feriado?- Não, Mr. Brown, é ponto facultativo!!- Então, se não é feriado, haverá trabalho normal?- Não, Mr. Brown, claro que não haverá trabalho: é ponto facultativo!! Não é feriado, mas não deixa de ser... É neutro!

O neutro, banido da gramática da língua portuguesa, é resgatado (ou, ao menos, seu espírito, que remete à totalidade e à indeterminação) genialmente pela gíria brasileira (claro que a lei do mínimo esforço contribui, e muito, para esses refinamentos de linguagem; afinal, “para bom entendedor...”).

⁷ Daí a certa descrição de uma de nossas mais geniais piadas:

Dois mineiros pescando na beira do rio. De repente, ouvem um barulho vindo de cima: flapt..., flapt..., flapt...

Olham para cima e vêem um enorme elefante, batendo as orelhas e voando!!! Bem acima de suas cabeças!

Um olha para o outro e voltam a se concentrar na pescaria...

Mais alguns minutos e o mesmo barulho... Era outro elefante, também voando baixo, a poucos metros de suas cabeças. Mais alguns minutos e outro elefante... e outro...e mais outro...

Após o décimo elefante, um vira para o outro e diz:

- É, cumpadre... o ninho deles deve di sê aqui pertim.

Seguem-se alguns exemplos em negrito (nota-se a indeterminação do neutro quando, em cada caso, ao se ajuntar a pergunta “... o quê?” a resposta “Não interessa, é neutro!” manifesta o caráter genérico):

Numa boa – Um leve acidente de trânsito, um espelho deslocado. Em vez de discutir e chamar a polícia, vamos resolver **numa boa**. (Numa - o quê - boa? Não interessa, é neutro!)

Qual é a dele? – Tipicamente neutro. Bem apropriado à mentalidade neutra brasileira, que deixa cada um **na sua...** (Na “sua...” o quê? Não interessa, é neutro!)

Qual é? (ou: qual é, **ô meu?**) – Forma ainda mais neutra (mais totalizante e indeterminada) do que a anterior.

Pô, o cara chega aqui **na maior**. Esse cara **tem cada uma...** (na maior, o quê? Não interessa, é neutro!).

Ô, chefia – Vocativo de garçon em boteco. Garçon, que não só é promovido a (reles) chefe, mas à neutra (e, portanto, total) “chefia”. Vê... **o de sempre**. Nessa mesma linha, usa-se o vocativo “Ô malandragem”, mais geral do que o concreto “malandro”; “Ô amizade” etc.

Numa pior – **Sabe como é**, ele tá numa pior...

Tenta, vai que **numa dessas, rola...**

Aprontou, aprontou **todas** – E ainda fica **se achando... É dose...**

Tendendo à generalidade do neutro está o “**a gente**” (pronome indeterminado entre o “eu” e o “nós”).

3. Linguagem que distingue; linguagem que confunde

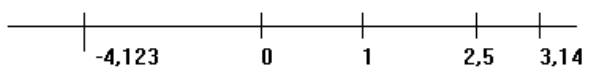
Não só o distinguir, dizíamos, mas também o “confundir” são importantes missões da linguagem, que cria palavras (e acumula sentidos nelas) em função da percepção que temos da realidade (e reciprocamente: percebemos a realidade pelo crivo das palavras de que dispomos...).

Os irmãos dos pais e seus filhos recebem os nomes especiais de “tios” e “primos” por uma questão de necessidade, de economia de linguagem e de pensamento, pois freqüentemente nos referimos a eles. Já a “cunhada da sogra da tia da vizinha” nunca receberá um nome especial, pois ela não entra na cena de nossa realidade cotidiana. Nesse sentido, há uma sugestiva fala no filme *Broken Arrow* de John Woo: um civil é chamado para ajudar a resolver um problema de *broken arrow* e, ao perguntar o que significa essa expressão, recebe a resposta de que é sumiço de arma

atômica para o inimigo. Espantado, ele se interroga sobre o que é pior: o roubo de arma atômica ou o fato de já haver um nome para isso!

Henri Poincaré, que, além de ser um dos grandes gênios da matemática, refletiu também sobre o significado dessa ciência, formulou uma sugestiva sentença: “*La Mathématique est l’art de donner le même nom à des choses différentes*”⁸ (e poderíamos ajuntar: e a matemática é também a arte de dar nomes diferentes a coisas iguais).

E é que quando falamos de reta dos números reais estamos identificando uma “entidade” geométrica - uma reta - e um conjunto de números, o dos reais. Nos dois casos, temos uma identidade de estruturas (operatórias, topológicas etc.), um corpo ordenado, contínuo e completo que pode se dar como reta ou como o conjunto \mathbf{R} .



E quando demonstramos uma identidade trigonométrica (para tomar um exemplo simples: $\sec^2 x - 1 = \operatorname{tg}^2 x$) o que fazemos é trocar os elementos por suas definições (ou expressões equivalentes já demonstradas): secante é outro nome para o inverso do cosseno e tangente é outro nome para $\operatorname{sen}/\operatorname{cos}$ etc.⁹.

Quer dizer que a matemática é uma imensa tautologia? Mas uma “tautologia” profundamente misteriosa e rica; e os grandes avanços da moderna matemática deram-se precisamente por unificações em um nível mais abstrato (mais genérico, “mais” neutro). Unificando, digamos, polinômios, matrizes, translações etc. sob as mesmas estruturas, por exemplo algébricas: ao demonstrar algo para um espaço vetorial, este resultado está automaticamente demonstrado para matrizes, polinômios etc.; para todas as diferentes “entidades” que apresentam aquela estrutura (e que recebem nomes diferentes, mas, no fundo, confundem-se: na identidade de estruturas formais). O espaço vetorial seria como um gênero (“o genérico”) das matrizes, polinômios etc.

A situação complica-se infinitamente, quando deixamos o âmbito meramente formal - e relativamente bem comportado - da matemática, e ingressamos no da realidade humana, extremamente complexa.

⁸ http://www.ac-nancy-metz.fr/enseign/phil/textesph/Avenir_des_mathematiques.rtf *L’avenir des mathématiques* (acesso em 2-10-06)

⁹ Permitam-me um exemplo comparativo um tanto bizarro: é como se tivéssemos que demonstrar (no universo de famílias tradicionais) que a mãe do filho do irmão do pai é uma tia. Ora “filho do irmão do pai” é, por definição, primo. Ora a mãe do primo é, por definição, esposa do pai do filho do irmão do pai, isto é, esposa do tio, que recebe o nome de tia, como queríamos demonstrar.

Confundir é conveniente. Não só quando se trata de realidades “conjugadas” como as que se designam por *salam*, mas também quando a linguagem lida com distinções que não correspondem à realidade. Por exemplo, houve épocas e sociedades que trabalharam com a errônea distinção entre “estrela matutina” (ou “estrela d’alva”) e “estrela vespertina”, que, afinal, na realidade, são o mesmo e único planeta Vênus. E, assim, do ponto de vista científico, o melhor é acabar com a distinção entre as “estrelas” matutina e vespertina.

Tomás, que é extremamente rigoroso em suas distinções (recorde-se o detalhamento com que distingue dezenas de virtudes), às vezes as suprime.

Detenhamo-nos, porque tem também direto interesse temático, no fato de nossa linguagem viva de hoje dispor de uma única (e não de duas) palavras para “felicidade”. Este fato enquadra-se na linha do pensamento de Tomás, que favorece o considerar a felicidade como realidade singular e não dual. Josef Pieper começa seu estudo sobre a felicidade (estudo no qual segue S. Tomás de perto), fazendo notar que Tomás, na prática, descarta a distinção que a língua latina estabelece entre *felicitas* e *beatitudo* (*grosso modo*, esta, teoricamente, reservada para a felicidade divina e, por vezes, para a felicidade humana relacionada ao divino; aquela para a felicidade mais “terrena”, prosaica e quotidiana). Curiosamente, em dois escritos produzidos quase na mesma época, Tomás praticamente usa só *felicitas* no *Comentário à Ética* e, no mesmo sentido, quase que exclusivamente *beatitudo* na segunda parte da *Suma Teológica*. E é que, para o pensamento de Tomás, centrado na *participatio*, uma única palavra é suficiente:

Mas precisamente nisto: em que uma única palavra “felicidade” designe tantas coisas diferentes – a plenitude da abundância da vida divina e a participação do homem nela, até a satisfação de um pequeno desejo fugaz – precisamente essa sempre desconcertante acumulação semântica mantém a lembrança de uma situação valiosa. Eu me atrevo a afirmar que essa situação reflete a própria estrutura da Criação, que Tomás expressa deste modo: “Assim como o bem criado é certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de qualquer bem criado é também certa semelhança e participação da felicidade definitiva”¹⁰

A participação no Ser, centro mesmo do pensamento de Tomás, é a base metafísica sobre a qual ocorre a unidade (analógica) da Criação. E se quisermos ir mais

¹⁰ Pieper, J. *Hoffnung und Geschichte*, München, Kösel, 1967, pp. 12-3. *De Malo*, 5, 1 ad 5: “*Sicut bonum creatum est quaedam similitudo et participatio boni increati, ita adeptio boni creati est quaedam similitudinaria beatitudo*”.

adiante, lembremos que, para Tomás, a felicidade - também a terrena – dá-se na contemplação. Pois, prossegue Tomás, dentre as diversas formas de "consecução de um bem", a mais profunda é a contemplação (*nobilissimus modus habendi aliquid*)¹¹, o ver com olhar de amor. E para o Aquinate:

(Pela contemplação de Deus na Criação) produz-se em nós uma certa incoação da felicidade que começa nesta vida e se consumará no Céu¹²

Começo de céu! Isto também se encontra naquela sentença, proferida na *Comedia* à entrada do Paraíso (o paraíso é o mesmo e único doce fruto que nós, mortais, por mil ramos procuramos), uma das prediletas do próprio Dante:

Quel dolce pome che per tanti rami

Cercando va la cura de' mortali

Oggi porrà in pace le tue fami

Um exemplo para o outro lado da moeda, a necessidade de distinção, encontramos-lo também em Josef Pieper (comentando Tomás), desta vez a propósito da virtude da esperança. A distinção - a que convida o pensamento do Aquinate - encontra-se num maravilhoso fato da língua francesa, que dispõe de dois vocábulos distintos para *esperança*: *espoir* e *espérance*: o primeiro, tendendo ao plural, às "mil esperanças" na vida; o segundo, que se emprega em singular, dirige-se à única e decisiva esperança, a de "acabar bem" *simpliciter*¹³. E é que, para além de todas as esperanças penúltimas, algumas sem dúvida essenciais (esperamos que o país não entre em colapso econômico, esperamos que não haja uma nova guerra mundial, que todos em nossa família estejam bem, etc.) há, num nível mais profundo, uma *espérance*, única e decisiva, *simpliciter*: a do "to be or not to be..."

4. Tomás e o confundente

Ocorre com todos os filósofos um fato curioso: e é que a filosofia - também ela – é a arte de dar nomes iguais a coisas diferentes. Só nas pouquíssimas páginas do *Comentário ao prólogo de João* de Tomás, ele emprega a palavra *ratio* onze vezes, com diversos significados: *ratio* pode ser a **razão**, no sentido de faculdade racional; mas pode ser também a **essência**, a estruturação interna de um ente que faz com que ele seja aquilo que ele é; pode ainda, numa terceira acepção, ser essa estruturação não já na

¹¹ *Comentário ao Liber de causis*, 18

¹² II-II, 180, 4

¹³ *Hoffnung und Geschichte*, München, Kösel, 1967, p.30.

coisa, mas na mente humana que a apreende, o que traduziríamos por **conceito**; e ainda no sentido de **caráter, a título de, enquanto** “a título de cidadão, na qualidade de pai, enquanto contribuinte etc.”. Mas quanto a este aspecto do pensamento confundente, baste aqui esta observação.

A própria idéia de pensamento confundente não escapou a Tomás de Aquino. Destaquemos a sua distinção entre confundente e equívoco.

Em III, 60, 3, ao discutir se o sacramento deve ser sinal de uma única realidade (e Tomás vai provar que não) a primeira objeção que ele vai enfrentar é a de que aquilo que significa muitas coisas é um sinal ambíguo e, portanto, ocasião de engano, como acontece com as palavras equívocas. Ora, todo engano deve ser afastado da religião cristã etc.¹⁴ A resposta a essa objeção é um texto chave para compreendermos o significado e o alcance do pensamento confundente em Tomás: um sinal ambíguo dá ocasião de engano no caso em que tem muitos significados que não guardam relação entre si. Quando, porém, seus muitos significados, **por meio de certa ordem, estão unificados** (como ocorre com *ratio*), então não se trata de um sinal ambíguo, mas de um sinal certo¹⁵. E sob o sacramento confundem-se três realidades, que, por meio de certa ordem, estão unificadas: 1) a paixão de Cristo, pela qual se produz em nós: 2) o sinal manifestativo de Sua paixão, que é a graça e que: 3) prenuncia a glória futura¹⁶.

A própria leitura da Sagrada Escritura é confundente. Tomás explica que as mesmas palavras, na Sagrada Escritura podem ter diversos sentidos: histórico, alegórico, místico, anagógico...

No significado histórico (ou literal) as palavras têm sua significação, digamos, normal (estritamente literal ou metafórica: “o homem ri” ou “o campo ri”); no místico (ou espiritual), as palavras têm um outro significado, superior.

O sentido místico, por sua vez, subdivide-se em três: o alegórico, pelo qual a velha lei é figura da nova; o anagógico, pelo qual a nova lei é figura da glória futura; e o moral, pelo qual tomamos exemplo para nossa conduta. O “faça-se a luz” de Gn 1, 3 – o exemplo é de Tomás –, na leitura literal, é entendido como a luz mesmo, a luz

¹⁴ Ad tertium sic proceditur. Videtur quod sacramentum non sit signum nisi unius rei. Id enim quo multa significantur, est signum ambiguum, et per consequens fallendi occasio, sicut patet de nominibus aequivocis. Sed omnis fallacia debet removeri a Christiana religione, secundum illud Coloss. II, *videte ne quis vos seducat per philosophiam et inanem fallaciam*. Ergo videtur quod sacramentum non sit signum plurium rerum (III, 60, 3 ob 1).

¹⁵ Ad primum ergo dicendum quod tunc est signum ambiguum, praebens occasionem fallendi, quando significat multa quorum unum non ordinatur ad aliud. Sed quando significat multa secundum quod ex eis quodam ordine efficitur unum, tunc non est signum ambiguum, sed certum, sicut hoc nomen homo significat animam et corpus prout ex eis constituitur humana natura. Et hoc modo sacramentum significat tria praedicta secundum quod quodam ordine sunt unum (III, 60, 3 ad 1).

¹⁶ Unde sacramentum est et signum rememorativum eius quod praecessit, scilicet passionis Christi; et demonstrativum eius quod in nobis efficitur per Christi passionem, scilicet gratiae; et prognosticum, idest praenuntiativum, futurae gloriae (III, 60, 3, c).

física, criada por Deus. Já se a Luz do “*fiat lux*” for entendida como Cristo, Cristo Luz, para a Igreja, então a leitura é no sentido alegórico; a leitura será anagógica se entendermos “*fiat lux*” como sendo nosso ingresso na Glória (a luz da Glória) por Cristo; e, finalmente, se essa luz é iluminação para nosso intelecto e calor para nossa vontade, então estamos na leitura moral¹⁷.

Para nós, o fato mais surpreendente é a explicação teológica que Tomás dá para o caráter confundente das palavras. Já na primeira questão da *Suma Teológica*, Tomás discute o falar de Deus na Bíblia. O artigo 10 é dedicado a explicar que a mesma palavra na Sagrada Escritura pode ter muitos significados. A primeira objeção que levanta (para a refutar) é a de que a confusão não condiz com a palavra de Deus e pode causar engano etc.¹⁸ A resposta de Tomás é que Deus é o autor da Bíblia e em Seu poder está não só adequar as palavras ao significado (coisa que também o homem pode fazer), **mas também às próprias coisas!** E é próprio da teologia que a **própria coisa**

¹⁷ *Mysterium autem exponit, cum dicit quae sunt per allegoriam dicta. Et primo ponit modum mysterii; secundo exemplificat, ibi haec enim duo sunt testamenta, et cetera. Dicit ergo: haec quae sunt scripta de duobus filiis, etc., sunt per allegoriam dicta, id est per alium intellectum. Allegoria enim est tropus seu modus loquendi, quo aliquid dicitur et aliud intelligitur. Unde allegoria dicitur ab *allos*, quod est alienum, et *goge*, ductio, quasi in alienum intellectum ducens. Sed attendendum est, quod allegoria sumitur aliquando pro quolibet mystico intellectu, aliquando pro uno tantum ex quatuor qui sunt historicus, allegoricus, mysticus et anagogicus, qui sunt quatuor sensus sacrae Scripturae, et tamen differunt quantum ad significationem. Est enim duplex significatio. Una est per voces; alia est per res quas voces significant. Et hoc specialiter est in sacra Scriptura et non in aliis; cum enim eius auctor sit Deus, in cuius potestate est, quod non solum voces ad designandum accommodet (quod etiam homo facere potest), sed etiam res ipsas. Et ideo in aliis scientiis ab hominibus traditis, quae non possunt accommodari ad significandum nisi tantum verba, voces solum significant. Sed hoc est proprium in ista scientia, ut voces et ipsae res significatae per eas aliquid significant, et ideo haec scientia potest habere plures sensus. Nam illa significatio qua voces significant aliquid, pertinet ad sensum litteralem seu historicum; illa vero significatio qua res significatae per voces iterum res alias significant, pertinet ad sensum mysticum. Per litteralem autem sensum potest aliquid significari dupliciter, scilicet secundum proprietatem locutionis, sicut cum dico homo ridet; vel secundum similitudinem seu metaphoram, sicut cum dico pratum ridet. Et utroque modo utimur in sacra Scriptura, sicut cum dicimus, quantum ad primum, quod Iesus ascendit, et cum dicimus quod sedet a dextris Dei, quantum ad secundum. Et ideo sub sensu litterali includitur parabolicus seu metaphoricus. Mysticus autem sensus seu spiritualis dividitur in tres. Primo namque, sicut dicit apostolus, lex vetus est figura novae legis. Et ideo secundum quod ea quae sunt veteris legis, significant ea quae sunt novae, est sensus allegoricus. Item, secundum Dionysium in libro de caelesti hierarchia, nova lex est figura futurae gloriae. Et ideo secundum quod ea quae sunt in nova lege et in Christo, significant ea quae sunt in patria, est sensus anagogicus. Item, in nova lege ea quae in capite sunt gesta, sunt exempla eorum quae nos facere debemus, quia *quaecumque scripta sunt, ad nostram doctrinam scripta sunt*; et ideo secundum quod ea quae in nova lege facta sunt in Christo et in his quae Christum significant, sunt signa eorum quae nos facere debemus: est sensus moralis. Et omnium horum patet exemplum. Per hoc enim quod dico *fiat lux*, ad litteram, de luce corporali, pertinet ad sensum litteralem. Si intelligatur *fiat lux* id est nascatur Christus in Ecclesia, pertinet ad sensum allegoricum. Si vero dicatur *fiat lux* id est ut per Christum introducatur ad gloriam, pertinet ad sensum anagogicum. Si autem dicatur *fiat lux* id est per Christum illuminemur in intellectu et inflammemur in affectu, pertinet ad sensum morale. (*Super Gal.*, cap. 4 l. 7).*

¹⁸ Multiplicitas enim sensuum in una scriptura parit confusionem et deceptionem, et tollit arguendi firmitatem: unde ex multiplicibus propositionibus non procedit argumentatio, sed secundum hoc aliqua fallacia assignantur. Sacra autem Scriptura debet esse efficax ad ostendendam veritatem absque omni fallacia. Ergo non debent in ea sub una littera plures sensus tradi.

significada pela palavra, **também ela**, signifique algo¹⁹. E, assim, para além do significado da palavra, temos outros sentidos a partir do significado da própria coisa.

Temos aí uma concepção estritamente cristã, joanina: no princípio era o *Logos*, a Razão, o *Verbum*, o Verbo, a Palavra. Uma das principais teses de Tomás é a de que a Criação não é obra de Deus Pai somente, mas de toda a Trindade: Deus Pai cria pelo Verbo, pela Inteligência do Filho e por isso a criação tem um caráter de *design*, de concepção, passe a gíria, de “bolação” intelectual.

Tomás leva a sério o fato de João empregar o vocábulo grego *Logos* (razão) para designar a segunda pessoa da Santíssima Trindade: o *Logos* é não só imagem do Pai, mas também **princípio** da Criação, que é, portanto, obra inteligente de Deus: "estruturação por dentro", projeto, *design* das formas da realidade, feito por Deus por meio de seu *Logos*, o Verbo. Tomás até discute a conveniência de traduzir *Logos* por *Ratio* e não por *Verbum*, que lhe parece melhor, pois se ambas indicam pensamento, *Verbum* enfatiza a "materialização" do pensamento (em criação/palavra). Sua resposta é:

Ratio propriamente designa o conceito da mente, enfatizando aquilo que está na mente (mesmo que não venha a se materializar), enquanto *verbum* é o pensamento que faz referência ao exterior. Por isso - como o evangelista ao dizer *Logos* não só indicava a existência do Filho no Pai, mas também a potência operativa do Filho pela qual 'por Ele todas as coisas foram criadas'- os antigos traduziram *Logos* por *Verbum* (que enfatiza a referência ao exterior) e não por *ratio*, que só sugere o conceito na mente (*Super Io.* I,1,32).

Assim, a criação é também um "falar" de Deus, do *Verbum*²⁰: as coisas criadas são, porque são pensadas e "proferidas" por Deus: e **por isso** são cognoscíveis pela inteligência humana²¹. Nesse sentido está aquela feliz formulação do teólogo alemão Romano Guardini, que afirma o "caráter de palavra" (*Wortcharakter*) de todas as coisas criadas. Ou, em sentença quase poética de Tomás: "as criaturas são palavras".

¹⁹ Respondeo dicendum quod auctor sacrae Scripturae est Deus, in cuius potestate est ut non solum voces ad significandum accommodet (quod etiam homo facere potest), sed etiam res ipsas. Et ideo, cum in omnibus scientiis voces significant, hoc habet proprium ista scientia, quod ipsae res significatae per voces, etiam significant aliquid. Illa ergo prima significatio, qua voces significant res, pertinet ad primum sensum, qui est sensus historicus vel litteralis. Illa vero significatio qua res significatae per voces, iterum res alias significant, dicitur sensus spiritualis; qui super litteralem fundatur, et eum supponit.

²⁰ Razão, razão materializada em palavra.

²¹ Não é por acaso que Tomás considera que "inteligência" é *intus-legere* ("ler dentro"): a *ratio* do conceito na mente é a *ratio* "lida" no íntimo da realidade.

Assim como a palavra audível manifesta a palavra interior²² (o conceito, a idéia), assim também a criatura manifesta a **concepção** divina (...); as criaturas são como palavras que manifestam o Verbo de Deus (*In Sent.* I d. 27, 2, 2 ad 3).

Esse entender a Criação como pensamento de Deus, "fala" de Deus, foi muito bem expresso também em uma aguda sentença de Sartre (ainda que para negá-la): "Não há natureza humana porque não há Deus para a conceber²³". E, como vimos, essa mesma palavra - *conceptio* - é essencial na interpretação de Tomás.

Em resumo: as palavras são confundentes, porque a realidade é confundente; e a realidade é confundente porque o pensamento criador de Deus é confundente... No *Comentário ao Prólogo de João*, discutindo as diferenças entre a palavra divina e a humana, Tomás afirma:

Uma outra diferença entre a nossa palavra e a Palavra divina é que a nossa é imperfeita, enquanto o Verbo divino é perfeitíssimo. E isto porque nós não podemos expressar em uma única palavra tudo o que há em nossa alma e devemos valer-nos de muitas palavras imperfeitas e, por isso, exprimimos fragmentária e setorialmente tudo o que conhecemos. Já em Deus não é assim: Ele, conhecendo em um único ato a si mesmo e a todas as coisas pela Sua essência, **um único Verbo divino** expressa tudo que é em Deus: não só o que se refere ao Pai, mas também às criaturas, pois, em caso contrário, seria imperfeito.

Assim, nossas palavras, freqüentemente, só alcançam de modo fragmentário (*divisim*) a realidade, que é complexa, pois, tendo sido "falada" pelo Logos, supera, de muito, a capacidade intelectual humana. Aliás, é de Tomás a aguda observação de que "filósofo algum jamais chegou a esgotar sequer a essência de uma mosca". Ao contrário de Deus, que expressa tudo num único Verbo, "nós temos de expressar fragmentariamente nossos conhecimentos em muitas e imperfeitas palavras"²⁴.

²². O conceito, a idéia.

²³. Sartre, Jean-Paul *O Existencialismo é um Humanismo*, in *Os Pensadores* (vol. 45 Sartre-Heidegger). São Paulo, Abril, 1973, p. 11.

²⁴. "Quia enim nos non possumus omnes nostras conceptiones uno verbo exprimere, ideo oportet quod plura verba imperfecta formemus, per quae divisim exprimamus omnia, quae in scientia nostra sunt" (*Super Ev. Jo. Cp 1, 1c1*). Daí que haja outro fenômeno interessante, também ele ligado à limitação de nosso conhecimento/linguagem, é o que poderíamos denominar: *efeito girassol*. Ele é assim explicado por Tomás: "Já que os princípios essenciais das coisas são por nós ignorados, freqüentemente, para significar o essencial (que não atingimos) nossas definições incidem sobre um aspecto acidental" ("Et quia essentialia principia sunt nobis ignota, frequenter ponimus in definitionibus aliquid accidentale, ad significandum aliquid essentialia" - *In I Sent. ds 25, q 1, a 1, r 8*). Assim, por exemplo, todo o ser da planta que chamamos girassol é designado por um fenômeno-gancho, acidental e periférico, no caso o do

Mas tudo isto são limitações do falar humano; o falar de Deus, o falar Criador confunde tudo numa única palavra-realidade...

Muito obrigado.

heliotropismo. Essa é a razão também – e este fato não escapa ao Aquinate – pela qual, frequentemente, é diferente o gancho, o aspecto, o caminho pelo qual cada língua acessa uma determinada realidade: o mesmo objeto que me protege contra a água (*guarda-chuva*) produz uma sombrinha (*umbrella*). Daí, diz Tomás, que "línguas diferentes expressem a mesma realidade de modo diverso" ("Diversae linguae habent diversum modum loquendi" (I, 39, 3 ad 2))."